

Globalização e Sociedade dos Indivíduos: Redes Sociais, Interdependência e Auto-controle

Marcos Leandro Mondardo

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Índice

1. Resumo	1
2. Introdução	2
3. Das funções sociais reticulares à teia humana móvel: a sociedade dos indivíduos na perspectiva de Norbert Elias	3
4. Considerações Finais	18
5. Referências	19

1. Resumo

Analisamos e discutimos aqui, a partir da perspectiva de Norbert Elias, como as transformações operadas através da globalização, especialmente, da década de 1970 em diante, com a mundialização das relações econômicas, culturais e políticas e da compressão tempo-espço, denotaram na reestruturação das relações da sociedade e na emergência de uma “nova” relação entre sociedade e indivíduo. Sobretudo, compreendemos que à medida que o processo civilizador “evolui”, desenvolvem-se práticas de auto-controle e de auto-regulação das relações que se processam em rede nas funções sociais. O indivíduo é, para Norbert Elias, uma rede de relações sociais de interdependências situado

num campo de tensões e de poder na sociedade dos indivíduos que produz, através de estruturas gerais e particulares, indivíduos iguais e diferentes. O indivíduo é um “fenômeno reticular” que modela e é modelado pela sociedade nas diferentes relações sejam elas econômicas, políticas e culturais, e que são organizadas e estruturas, a partir de um conjunto de práticas e de estratégias de auto-regulação das emoções e de projeção de práticas racionais de interdependências de funções, que compreende relações funcional-econômicas às relações de amizade e afetividade.

Abstract

We analyzed and discussed here, from the perspective of Norbert Elias, as the changes made by globalization, especially of the 1970 onwards, with the globalization of economic relations, cultural and political and time-space compression, denote the restructuring relations of society and the emergence of a “new” relationship between society and individual. Above all, understand that as the civilizing process “moves”, there are practices of self and self-regulation of relations

that take place in normal social network. The individual is, Norbert Elias, for a network of social relations of interdependence in a field of tensions and power in society of individuals who produce, through general and special structures, equal and different individuals. The individual is a “phenomenon reticular” that shapes and is shaped by society in different relationships whether economic, political and cultural, which are organized and structures from a set of practices and strategies of self-regulation of emotions and projection of rational practice of interdependence of functions, which include functional and economic relations to relations of friendship and affection.

2. Introdução

Mas as oportunidades entre as quais a pessoa assim se vê forçada a optar não são, em si mesmas, criadas por essa pessoa. São prescritas e limitadas pela estrutura específica de sua sociedade e pela natureza das funções que as pessoas exercem dentro dela. E, seja qual for a oportunidade que ela aproveite, seu ato se entremeará com os de outras pessoas; desencadeará outras seqüências de ações, cuja direção e resultado provisório não dependerão desse indivíduo, mas da distribuição do poder e da estrutura das tensões em toda essa rede humana móvel.

“A sociedade dos indivíduos”

Norbert Elias

Com a mudança do regime de acumulação fordista para o de acumulação flexível a partir da década de 1970, desencadearam-se debates sobre as transformações nas relações

entre indivíduo e sociedade que os processos resultantes, especialmente, da globalização com a aceleração das relações sociais econômicas, políticas e culturais em escala mundial e da compressão tempo-espço que, considera Harvey (1999), foram resultantes dos processos de internacionalização da economia mundial e das reestruturações das relações da sociedade de indivíduos cada vez mais global(izada).

Através desse processo de mundialização das relações econômicas e de expansão material e espiritual de um processo civilizatório (IANNI, 1997), houve transformações no que diz respeito, direta e indiretamente, da relação do indivíduo com a sociedade. Tais categorias (indivíduo e sociedade) *emergiram* sob novos enfoques mudando seu significado crítico e sócio-espacial e histórico. Conforme assinala Bourdieu (2002) o que se delineou, a partir da década de 1970, foi um programa de destruição das estruturas coletivas e a formação de uma nova ordem fundada no culto ao indivíduo, autônomo, cada vez mais auto-regulado e auto-suficiente. Para Norbert Elias (1993, p. 185), “Em cada passagem de uma organização de sobrevivência predominante para uma outra, que abrange mais pessoas, e que é mais complexa e diferenciada, a posição dos homens singulares transforma-se, de modo próprio, em relação à unidade social que eles formam em conjunto”.

A relação indivíduo/sociedade se transforma e indica, portanto, “a passagem para o predomínio de um novo tipo abrangente e mais complexo da organização humana” sendo “acompanhada (...) de um outro padrão de individuação” (ELIAS, 1993, p.189) que obriga os indivíduos “a agirem cada vez menos por conta própria, retirando-

se assim o sentido e responsabilidade de uma escolha sensata” (AZEVEDO, 1998, p.129). Ou seja, cada vez mais o indivíduo na sociedade global é levado a se tornar “dono” de suas próprias escolhas num processo, portanto, de objetivação e subjetivação das opções e posições sociais que o sujeito ocupa, almeja ou sonha em chegar.

Essa realidade, desse modo, alterou os paradigmas de interpretação do mundo havendo uma mudança (ou, no limite, uma “ruptura”) epistemológica com as teorias da modernidade que, “tendem” a ceder “lugar” para as perspectivas pós-modernas ou, para “outras” teorias que defenderiam uma segunda modernidade, uma modernidade tardia, uma modernidade reflexiva, entre outros termos que emergiram e/ou derivaram de um turbulento momento histórico de ajustamento sócio-espacial das relações sociais. Nesse sentido, nosso objetivo aqui é analisar à luz dos processos resultantes da globalização e da “compressão tempo-espço”, a “nova” relação (indissociável) entre sociedade e indivíduo através, do destaque para a abordagem reticular de Norbert Elias que aponta, dentre outros aspectos, a relação de interdependência através das redes de relações sociais na/da *Sociedade dos indivíduos*.

Assim, a análise que se segue destaca as *redes de relações sociais, a teia humana móvel e de interdependência* entre as relações sociais (econômicas, culturais, políticas) que produzem sociedade e indivíduo, suas histórias e geográficas, seus tempos e espaços através do processo cada vez mais presente de “individualização” dos indivíduos e, portanto, de uma *sociedade de indivíduos* cada vez mais individualizados, mas, nem por isso, menos inter-relacionados na

complexa rede móvel humana de relações e funções sociais. O processo de individualização dos indivíduos na/da sociedade global, de aceleração do tempo-espço e das relações multidimensionais, produz uma complexa teia reticular de ligações, na medida em que os indivíduos intensificam as suas relações de interdependência através das funções sociais (específicas, dos ramos de atividade) que exercem na sociedade e, por que, à medida que ampliamos as escalas de tempo-espço de nossas relações, “comprimos” nossas relações através da parafernália tecnológica que nos conecta com nossos amigos e parentes, ao mercado e ao Estado.

3. Das funções sociais reticulares à teia humana móvel: a sociedade dos indivíduos na perspectiva de Norbert Elias

Norbert Elias considera que a sociedade é formada por indivíduos que são singulares em cada tempo e em cada espaço. Contudo, é através dessas diferenças que, em cada tempo e em cada espaço, se formam e/ou são construídas diferentes sociedades. Sociedades, portanto, “projetadas” por tramas de relações sociais, de funções, de cadeias de atos (ações) que Norbert Elias chama de “fenômenos reticulares”, e que são produzidos no interior de uma rede móvel humana de relações de interdependência composta por *estruturas*, por *cadeias*, por *limites* e por *possibilidades*.

Assim, para Elias o indivíduo é construído por um conjunto de laços “invisíveis” que formam uma rede de relações. Logo, “cada pessoa que passa por outra, como estranhos aparentemente desvinculados na rua, está

ligada a outras por laços invisíveis, sejam estes laços de trabalho e propriedade, seja de instintos e afetos. Os tipos mais díspares de funções tornaram-na dependente de outrem e tornaram outros dependentes dela” (ELIAS, 1994, p. 22). Cada indivíduo “vive, e viveu desde pequenas, numa rede de dependências que não lhe é possível modificar ou romper pelo simples giro de um anel mágico, mas somente até onde a própria estrutura dessas dependências o permita; vive num tecido de relações móveis que a essa altura já se precipitaram nela como seu caráter pessoal”. E aí, para Elias reside o verdadeiro problema da relação entre sociedade e indivíduos, suas relações, suas tramas que produzem contextos diferentes, sobrepostos, articulados ou não, pois, “em cada associação de seres humanos, esse contexto funcional tem uma estrutura específica. (...) Entretanto esse arcabouço básico de funções interdependentes, cuja estrutura e padrão conferem a uma sociedade seu caráter específico, não é criação de indivíduos particulares, pois cada indivíduo, mesmo o mais poderoso, mesmo o chefe tribal, o monarca absolutista ou o ditador, faz parte dele, é representante de uma função que só é formada e mantida em relação a outras funções, as quais só podem ser entendidas em termos da estrutura específica e das tensões específicas desse contexto total” (p. 22).

A análise da configuração da sociedade para Norbert Elias, traz a necessidade de caracterizar uma nova orientação para o estudo da história, estabelece um novo caminho para analisar a configuração sociedade, cujo processo central é o estudo do comportamento humano, da sua evolução e desenvolvimento social, provocando desta maneira um processo de revisão nas teorias

históricas. Acrescente-se a isto que procurou analisar e entender a sociedade como um processo em evolução e de desenvolvimento social linear, apontando que a sociedade constitui-se como um dos elementos essenciais de uma estrutura organizacional, cujas atuações demonstram-se de diversas formas de inter-relacionamentos e *entrelaçamentos* sociais em que se permitem agrupar, sobrepor e articular relações efetuadas na igreja, escola, família, clubes sociais, partidos políticos, na fábrica, no município, no Estado-Nação e no mundo que, aponta em um único estudo e que este (o indivíduo) jamais poderá agir individualmente.

Elias demonstra, a partir da abordagem reticular, a necessidade da compreensão da multiescalaridade das relações sociais e da multitemporalidade. Logo, para Elias:

Todos sabem o que se pretende dizer quando se usa a palavra “sociedade”, ou pelo menos todos pensam saber. A palavra é passada de uma geração a outra como uma moeda cujo valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser testado. Quando uma pessoa diz “sociedade” e outra a escuta, elas se entendem sem dificuldades. Mas será que realmente entendemos? (ELIAS, 1994, p. 63).

Consideramos, assim, que a rede de ligações que se estabelece em uma sociedade não ocorre por acaso (pode, até ocorrer em alguns casos), mas, em grande medida, a rede de relações sociais – que liga sociedade e indivíduo – é produto de estratégias instauradoras e mantenedoras das instituições dentro de suas relativas posições e manifestações de poder que se fazem presentes em

todo processo social e que tem uma estrutura geral e específica dessas ligações e relações.

Norbert Elias ao abordar sobre as estruturas e os processos sociais, demonstra a natureza fundamental dos mecanismos a respeito destes, ao detalhar afirmando que:

A fim de entender estruturas e processos sociais, nunca é suficiente estudar um único estrato funcional no campo social. Para serem realmente entendidas, essas estruturas e processo exigem um estudo das relações entre os diferentes estratos funcionais que convivem juntos no campo social e que, com a mais rápida ou mais lenta mudança nas relações de poder provocada por uma estrutura específica desse campo, são no curso do tempo reproduzidas sucessivas vezes (ELIAS, 1994, p. 239).

O projeto de estudo de análise sobre a sociedade proposto por Norbert Elias se torna diferente, em razão dele buscar analisar não o indivíduo em si (isolado e fechado em si mesmo), mas sim os conceitos fundamentais de formação, interdependência, equilíbrio das tensões, relações de poder, revolução social (ou das formações), mostrando os meios pelos quais se entendem os *envolvimentos* sociais em suas diferentes épocas, oportunizando, então, um entrelaçamento entre a história e a geografia, entre espaço e tempo, entre “redes”, “indivíduos” e “sociedade”.

Nesse sentido, Norbert Elias aponta que para entender a sociedade como um todo é necessário reorientar a nossa aceção sobre o conceito desta em razão que “no modelo de senso comum que hoje domina a nossa própria experiência ou a dos outros, a relação com a sociedade é ingenuamente egocêntrica” (ELIAS, 1969, p. 14). Com essa

consideração, Elias demonstra a sua posição ao complementar em que “estas concepções tradicionais serão substituídas por uma visão mais realista das pessoas que, através das suas disposições e inclinações básicas orientadas umas para as outras e unidas umas às outras das mais diversas maneiras” (ELIAS, 1969, p. 15).

Assim, o autor considera, dentro de sua concepção de análise sociológica, que as “*pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados*. Cada uma dessas pessoas constitui um ego ou uma pessoa, como muitas vezes se diz numa linguagem reificante. Entre estas pessoas colocamo-nos nós próprios” (ELIAS, 1969, p. 15-16, [grifos nossos]).

Nesse contexto:

Descobrimo interdependências, restabelece-se a identidade última de todos os homens, identidade sem a qual qualquer relação humana, mesmo a que se estabelece entre o investigador e o objeto da sua pesquisa, entre os vivos e os mortos, recua para o nível da barbárie da época recuada e selvagem em que um indivíduo que pertencesse a outra sociedade era considerado como um ser e eventualmente não humano (ELIAS, 1987, p. 179).

Desse modo, o indivíduo assume centralidade na análise da sociedade, na medida em que apóia sua reflexão para consubstanciar o questionamento para compreender o que faz a propósito da relação entre sociedade e indivíduo, ao promulgar: “Que tipo de formação é essa, esta ‘sociedade’ que compomos em

conjunto, que não foi pretendida ou planejada por nenhum de nós, nem tampouco por todos nós juntos?” (ELIAS, 1994, p. 13).

Considera desse modo que a sociedade “só existe porque existe um grande número de pessoas, só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e, no entanto, sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular” (ELIAS, 1994, p. 13). Ao explicar o nexo condicionador desta sua maneira de ver a sociedade ressalta que “a relação entre os indivíduos e a sociedade é uma coisa singular. Não encontra analogia em nenhuma outra esfera da existência” (ELIAS, 1994, p. 25).

Ainda a este respeito demonstra que “apesar disso, a experiência adquirida observando se a relação entre as partes e o todo em outras esferas pode, até certo ponto, ajudar-nos nesse aspecto. Ela pode nos ajudar a afrouxar e ampliar os hábitos mentais a que fizemos referência” (ELIAS, 1994, p. 25). Sob este aspecto é possível verificar que nenhuma organização, qualquer que seja a sua natureza ou estrutura, poderá agir individualmente. As atividades, o querer e o fazer, os comportamentos, as condutas, os anseios e as produções realizadas pelos indivíduos – aqui poderíamos enfatizar a produção científica – não podem ser deixados de lado para compreender a configuração da sociedade, visto que trazem em seu contexto um sentido preciso que os distingue nas suas relações desta construção social.

Com essa premissa, Norbert Elias conduz para o convencimento da *indivisibilidade* e *inseparabilidade* entre sociedade e indivíduo, entre as relações que formam sociedade e indivíduo, mesmo considerando que os in-

divíduos possuem uma característica própria de individualidade¹, porém levando também a entender que o desenvolvimento desta inter-relação deve conduzir-se dentro de um *contínuo* estado de *mutação*. Considerando esses aspectos, Norbert Elias demonstra que entre estas concepções existe uma convergência acerca da falta de modelos conceituais para consistir na elaboração de um desenho na composição desta sociedade. Assim:

O que nos falta - vamos admiti-lo com franqueza - são modelos conceituais e uma visão global mediante os quais possamos tornar compreensível, no pensamento, aquilo que *vivenciamos diariamente na realidade*, mediante os quais possamos compreender de que modo um grande número de *indivíduos compõem entre si algo maior e diferente de*

¹ Elias (1994, p. 54), considera que “o que chamamos ‘individualidade’ de uma pessoa é, antes de mais nada, uma peculiaridade de suas funções *psíquicas*, uma qualidade estrutural de sua auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas. ‘Individualidade’ é uma expressão que se refere à maneira e à medida especiais em que a qualidade estrutural do controle psíquico de uma pessoa difere do de outra. Mas essa diferença específica das estruturas psíquicas das pessoas não seria possível se sua auto-regulação em relação a outras pessoas e coisas fosse determinada por estruturas herdadas, da mesma forma e na mesma medida em que o é auto-regulação do organismo humano, por exemplo, na reprodução de órgãos e membros. A ‘individualização’ das pessoas só é possível porque o primeiro controle é mais maleável que o segundo. E, em virtude dessa maior maleabilidade, palavras como ‘natureza’ ou ‘disposição’, e todos os termos correlatos, têm um sentido diferente quando aplicadas às funções psíquicas das pessoas e quando aplicadas às funções de reprodução ou crescimento dos órgãos”.

uma coleção de indivíduos isolados [...]
(ELIAS, 1994, p. 16, [grifos nossos]).

Além disso, buscando compreender aspectos mais significativos que se fazem presente entre sociedade e indivíduo, evidencia “como é que eles formam uma ‘sociedade’ e como sucede a essa sociedade poder modificar-se de maneiras específicas, ter uma história que segue um curso não pretendido ou planejado por qualquer dos indivíduos que a compõem” (ELIAS, 1994, p. 16). Desta maneira, como ao autor mesmo destaca, vemos que precisamos reconhecer que a formação da sociedade não é homogênea, visto que os pressupostos de análise estão atrelados e entrelaçados, sobrepostos e articulados nas relações de interdependência e nas complexidades sociais presentes entre os indivíduos, diferentes grupos, classes ou indivíduos que compreendem formas distintas e interligadas de relações econômicas², culturais e políticas (de poder

²Para Elias (1994), a rede econômica não se situa apenas na esfera das conexões porque o ser humano precisa comer; também, faz parte das necessidades de alimentação, mas também participa da esfera de inter-relações de auto-regulação do processo produtivo, especialmente, através do trabalho. Assim: “Uma esfera econômica de interconexões não surge *exclusivamente*, como às vezes se supõe, pelo fato de terem os seres humanos que satisfazer sua necessidade de comer. Também os animais são movidos pela fome, mas não se empenham numa atividade *econômica*. Quando parecem fazê-lo, isso se dá, tanto quanto hoje podemos perceber, com base numa predisposição mais ou menos automática, inata ou “instintiva” de suas vias de auto-regulação. As redes econômicas, no sentido humano, surgem apenas porque a auto-regulação humana em relação a outras coisas e seres *não* está automaticamente restrita, em igual medida, a canais relativamente estreitos. Uma das precondições da economia no sentido humano é o caráter singularmente *psicológico* do controle com-

³), o que impõe de certa forma que estas não se mantenham circunscritas a fórmulas ou “modelos” pré-determinados pela sociedade.

Com efeito, sobre este aspecto Norbert Elias ressalta que:

Uma das grandes controvérsias de nossa época desenrola-se entre os que afirmam que a sociedade, em suas diferentes manifestações – a divisão do trabalho, a organização do Estado ou seja lá o que for -, é apenas um “meio”, consistindo o “fim” no bem-estar dos indivíduos, e os que asseveram que o bem-estar dos indivíduos é menos “importante” que a manutenção da unidade social de que o indivíduo faz parte, constituindo esta o “fim” propriamente dito da vida individual. Acaso já não equivaleria a tomarmos partido nesse debate o fato de começar-

portamental humano. Para que surja alguma forma dessa atividade econômica, é essencial a intervenção de funções superegóicas ou prescientes que regulem as funções instintivas elementares do indivíduo, sejam estas o desejo de alimento, proteção ou qualquer outra coisa. Somente essa intervenção torna possível às pessoas conviverem de maneira mais ou menos regulada, trabalharem juntas por um padrão comum de obtenção do alimento, e permite que sua vida comunitária dê origem a várias funções sociais interdependentes” (p. 45).

³Sobre o poder da decisão das escolhas e das relações que desenvolve entre os indivíduos em sociedade, Elias (1994, p. 50) considera que, “A pessoa, individualmente considerada, está sempre ligada a outras de um modo muito específico através da interdependência. Mas, em diferentes sociedades e em diferentes fases e posições numa mesma sociedade, a margem individual de decisão difere em tipo e tamanho. E aquilo a que chamamos ‘poder’ não passa, na verdade, de uma expressão um tanto rígida e indiferenciada para designar a extensão especial da margem individual de ação associada a certas posições sociais, expressão designativa de uma oportunidade social particularmente ampla de influenciar a auto-regulação e o destino de outras pessoas”.

mos a procurar modelos para compreender a relação entre indivíduo e sociedade nas relações entre os tijolos e a casa, as notas e a melodia, a parte e o todo? (ELIAS, 1994, p. 17).

Nesse sentido, para Elias a sociedade e as diferentes e completares relações dos indivíduos funcionam através de *acordos* que dão unidade as funções sociais, as trocas que materializam os lugares, que imaterializam os códigos semânticos, da linguagem e da escrita das redes de relações sociais. Conforme considera o autor, “as votações e eleições, as provas não sangrentas de força entre diferentes grupos funcionais, só se tornaram possíveis, enquanto instituições permanentes de controle social, quando aliadas a uma estrutura muito específica de funções sociais”. E, assim, esses acordos se tornam cumulativos “entre essas pessoas, uma ligação funcional preexistente que não é apenas somatória. Sua estrutura e suas tensões expressam-se, diretamente ou indiretamente, no resultado da votação. E decisões, votações e eleições majoritárias somente podem alterar ou desenvolver essa estrutura funcional dentro de limites bastante estreitos”. Logo, a “rede de funções interdependentes pela qual as pessoas estão ligadas entre si tem peso e leis próprios, que deixam apenas uma margem bem circunscrita para compromissos firmados sem derramamento de sangue – e toda eleição majoritária é, em última análise, um acordo desse tipo” (ELIAS, 1994, p. 22-23).

Assim, as relações se estabelecem no interior de acordos que são *acondensação* material e simbólica de um campo de forças, de disputas de poder que se processam através das relações do cotidiano entre os indivíduos em sociedade. Logo, os acordos fun-

cionam como mecanismos de auto-regulação das tensões que se processam entre os indivíduos e que produzem a sociedade no desenvolvimento do processo civilizacional. São, portanto, acionados e construídos no interior da sociedade, a partir de diferentes estratégias de regulação social no interior do processo civilizador.

Assim, sobre a rede de relações e os contratos sociais, Elias afirma ainda que:

Essa rede de funções no interior de associações humanas, essa ordem invisível em que são constantemente introduzidos os objetivos individuais, não deve, não deve sua origem a uma simples soma de vontades, a uma decisão comum de *muitas* pessoas individuais. Não foi com base na livre decisão de muitos, num *contrato social*, e menos ainda com base em referendos ou eleições, que a atual rede funcional complexa e altamente diferenciada emergiu, muito gradativamente das cadeias de funções relativamente simples do início da Idade Média, que no Ocidente, por exemplo, ligaram as pessoas como padres, cavaleiros e escravos (ELIAS, 1994, p. 22, [grifos do autor]).

Por isso, Elias considera que as relações que se processam na sociedade entre os indivíduos comportam funções, cadeias, redes de funções e auto-regulação. Assim, “embora esse contexto funcional tenha suas leis próprias, das quais dependem, em última instância, todas as metas dos indivíduos e todas as decisões computadas nas cédulas eleitorais, embora sua estrutura não seja uma criação de indivíduos particulares, ou sequer de muitos indivíduos, tampouco ele é algo que exista fora dos indivíduos”. Para o autor, todas as funções interdependentes como

“as de diretor de fábrica ou mecânico, dona-de-casa, amigo ou pai”, são funções “que uma pessoa exerce para outras, um indivíduo para outros indivíduos”. Mas, no entanto, para o autor “cada uma dessas funções está relacionada com terceiros; dependem das funções deles tanto quanto estes dependem dela” o que cria, portanto, uma “corrente humana” de interdependências.

E, através desse contrato social, os indivíduos criam maneiras de autocontrole no interior da sociedade e de “gestão” dos conflitos, das tensões e das relações de poder que permeiam a interdependência na sociedade. *A autoregulação como parte do processo civilizador é uma condição de subjetivação das emoções no âmbito das redes de relações sociais* que, fazem do indivíduo um ser “regulado” no interior das mais adversas situações em que se insere relacionamente. Assim, sobre o autocontrole, Elias considera que:

Somente na relação com outros seres humanos é que a criatura impulsiva e desamparada que vem ao mundo se transforma na pessoa psicologicamente desenvolvida que tem o caráter de um indivíduo e merece o nome de ser humano adulto. Isolada dessas relações, ela evolui, na melhor das hipóteses, para a condição de um animal humano semi-selvagem. Pode crescer fisicamente, mas, em sua composição psicológica, permanece semelhante a uma criança pequena. Somente ao crescer num grupo é que o pequeno ser humano aprende a fala articulada. Somente na companhia de outras pessoas mais velhas é que, pouco a pouco, desenvolve um tipo específico de sagacidade e controle dos instintos e a composição adulta que nele se desen-

volve, tudo isso depende da estrutura do grupo em que ele cresce e, por fim, de sua posição nesse grupo e do processo formados que ela acarreta (ELIAS, 1994, p. 27).

Contudo, é através e no interior dessas redes de funções sociais se criam, de acordo com o autor, longas cadeias de atos, pois:

Em virtude dessa inerradicável interdependência das funções individuais, os atos muitos indivíduos distintos, especialmente numa sociedade tão complexa como a nossa, precisam vincular-se ininterruptamente, formando longas *cadeias de atos, para que as ações de cada indivíduo cumpram suas finalidades*. Assim, cada pessoa singular está realmente presa; está presa por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que a prendem. Essas cadeias não são visíveis, mas mutáveis porém não menos reais, e decerto não menos fortes. *E é essa rede de funções que as pessoas desempenham umas em relação as outras, a ela e nada mais, que chamamos “sociedade”*. Ela representa um tipo especial de esfera. Suas estruturas são o que denominamos “estruturas sociais”. E, ao falarmos em “leis sociais” ou “regularidades sociais”, não nos referimos a outra coisa senão isto: às leis autônomas das relações entre as pessoas individualmente consideradas (ELIAS, 1994, p. 23, [grifos nossos]).

A relação entre os indivíduos e a sociedade, para Elias, é uma coisa singular.

É através dessa relação singular que se produzem os tempos e os espaços, as redes, as tramas pelo poder. São através das singularidades das relações entre os indivíduos que foram e são produzidas diferentes sociedades em distintos períodos. Por isso, o autor considera que a sociedade deve ser apreendida enquanto uma complexa rede e que esta compreende uma estrutura de relações.

Assim, para Elias (1994, p. 25, [grifos nossos]), “Deve-se começar pensando na estrutura do todo para se compreender a forma das partes individuais. Esses e muitos outros fenômenos têm uma coisa em comum, por mais diferentes que sejam em todos os outros aspectos: *para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas únicas e começar a pensar em termos de relações e funções*”. Logo, o modo como os indivíduos se portam é determinado por suas relações passadas ou presentes com outras pessoas, com outras teias humanas de funções, de ramos de atividades e de propriedade privada, mas também de parentesco e de amizade. É no interior desse conjunto relacional e constantemente mutável dos indivíduos que se produz a sociedade: uma rede que está sempre modificando as suas funções relacionais.

Nesse contexto, Elias considera que deve-se começar a compreender os fios que são tecidos, no primeiro momento, pelas relações mais próximas até as relações mais distantes, especialmente, aquelas que não produzem vínculos fortes na vidas dos indivíduos. Nesse âmbito:

É a partir dos indivíduos, como “átomos” e “partículas mínimas” da sociedade, segundo lhes parece, que o raciocínio deve começar, elaborando-se o conceito de

suas relações recíprocas, da sociedade, como algo que vem depois. Em suma, eles concebem os indivíduos como postes sólidos entre os quais, posteriormente, se pendura o fio dos relacionamentos. (...) E, tanto num grupo quanto no outro, certos campos de fatos são inabordáveis pelo pensamento. Tanto num quanto noutro, abre-se um intransponível abismo mental entre os fenômenos sociais e individuais (ELIAS, 1994, p. 25).

E assim, Norbert Elias considera que nossas relações são tecidas desde o nosso grupo social do nascimento, da gênese da vida na terra, até as múltiplas relações que construímos a partir de nossa territorialidade no trabalho, na festa, na rua, no cotidiano dentre outros lugares que nos modelam e que modelamos no interior de formas relacionais entre os indivíduos e os grupos as quais pertencemos. Todo indivíduo pertence a grupo(s) social(is) que estabelece(m) relações de afetividade, no trabalho, na amizade e no parentesco. Para os outros grupos que o indivíduo não faz parte ele “não existe”. Não que não exista propriamente dito, como corpo, corporeidade de função, no trabalho, por exemplo, ou numérica, mas, que não participa de um conjunto de atividade que o liga a determinado grupo ou não. Portanto, o indivíduo faz parte da sociedade dos indivíduos inserido em grupos sociais distintos, em tempos e espaços, singulares que produzem os diferentes modos de organização da sociedade e as diferentes relações sociais econômicas, políticas e culturais. Mas esses indivíduos, mesmo que não participem dos mesmos grupos estão, para Elias, “unidos” na sociedade por laços invisíveis que pro-

duzem sujeitos de um tempo e de um espaço, tanto material quanto no âmbito das idéias.

Assim, o indivíduo só existe enquanto “*móbil*” relacional, pois, “Todo indivíduo nasce num grupo de pessoas que já existiam antes dele. E não é só: todo indivíduo constitui-se de tal maneira, por natureza, que precisa de outras pessoas que existam antes dele para poder crescer”. Assim, para Elias, “Uma das condições fundamentais da existência humana é a presença simultânea de diversas pessoas inter-relacionadas” (ELIAS, 1994, p. 27); ou seja, as múltiplas relações em que o indivíduo participa, nos diferentes lugares e grupos sociais de faz parte e cria constantemente novos grupos.

Assim, Elias demonstra a importância de se compreender nas relações que os indivíduos tecem uma densa trajetória sócio-espacial a partir de uma rede de relações que emerge, pois, “Mesmo dentro de um grupo, as relações conferidas as duas pessoas e suas histórias individuais nunca são exatamente idênticas. Cada pessoa parte de uma posição única em sua rede de relações e atravessa uma história singular até chegar à morte” (ELIAS, 1994, p. 27). Pois, assim, os indivíduos são produtos específicos de suas historicidades e de suas trajetórias espaciais, trajetórias modeladas, percorridas e/ou circunscritas temporô e espacialmente através das redes sociais de amizade, de parentes, de funções dentre outros. As relações, para Elias, “por exemplo, entre pai, mãe, filho e irmãos numa família -, por variáveis que sejam em seus detalhes, são determinadas, em sua estrutura básica, pela estrutura da sociedade em que a criança nasce e que existia *antes* dela” (1994, p. 28).

As redes, nesse sentido, produzem “fenômenos reticulares” para Elias, ou, talvez, poderíamos apontar em aproximação, que as redes sociais produziram “territórios” reticulares que são tramados no interior das redes, das trajetórias, das relações sociais entre sociedade e indivíduos, entre grupos e indivíduo, entre diferentes lugares que o indivíduo perpassa a sua existência social, “individual” e “coletiva”, espacial e temporal. Para Elias, desse modo, “A relação entre as pessoas é comumente imaginada como a que existe entre as bolas de bilhar: elas se chocam e rolam em direções diferentes. Mas a interação entre as pessoas e os ‘*fenômenos reticulares*’ que elas produzem são essencialmente diferentes das interações puramente somatórias das substâncias físicas” (1994, p. 29, [grifos nossos]). E, os “fenômenos reticulares” tem na sua raiz forças reticulares, isto é, que são produzidas e delimitadas no interior de redes de relações sociais que se situam na divisão das funções, pois:

Essas forças reticulares encontram-se na raiz, por exemplo, da crescente divisão de funções, que tem importância tão decisiva no curso da história ocidental, levando em determinado estágio a utilização da moeda, em outro ao desenvolvimento das máquinas e, com isso, à maior produtividade do trabalho e a uma elevação do padrão de vida de um número cada vez maior de pessoas. (...) Foi esse tipo de forças reticulares que, no curso da história ocidental, alterou a forma e a qualidade do comportamento humano, bem como toda a regulação psíquica do comportamento, impedindo os homens em direção à civilização.

Podemos vê-las, em nossa própria época, na maneira rigorosa com as tensões que emergem dentro da rede humana sob a forma da livre concorrência tendem a um estreitamento da esfera da competição e, por fim, à formação de monopólios centralizados. Assim, através de forças reticulares, produziram-se e se produzem na história períodos pacíficos e outros turbulentos e revolucionários, períodos de florescimento ou declínio, fases em que a arte se mostra superior ou não passa de pálida imitação. Todas essas mudanças têm origem, não na natureza dos indivíduos isolados, mas na estrutura da vida conjunta de muitos. A história é sempre história de uma sociedade, mas, sem a menor dúvida, de uma sociedade de indivíduos (ELIAS, 1994, p. 44-45).

A conversa, nesse sentido, para Elias, seria um dos momentos do cotidiano e das redes de relações sociais que produziram o “fenômeno reticular”, teias de relações que se processam em rede onde os interlocutores são pontos de uma intensa malha de informações e comunicação que atravessam, cortam e conectam o dia-a-dia dos indivíduos, das suas ações, reações e materializações das produções, no trabalho, na festa, na rua, na casa, enfim, nas mais variadas territorialidades e manifestações das atividades humanas que se processam através dos contatos, dos vínculos e da forma como o sujeito vai se fazendo e sendo feito na/da sociedade.

Assim, sobre a conversa, Elias, considera que:

(...) as idéias de um interlocutor penetram no diálogo interno do outro

como um adversário, assim impulsionando seus pensamentos. A característica especial desse tipo de processo, que podemos chamar de *imagem reticular*, é que, no decorrer dele, cada um dos interlocutores formam idéias que não existiam antes ou leva adiante idéias que já estavam presentes. (...) E é justamente esse fato de as pessoas mudarem em relação umas às outras e através de sua relação mútua, de se estarem continuamente moldando e remoldando em relação umas às outras, que caracteriza o *fenômeno reticular* em geral (ELIAS, 1994, p. 29).

A rede, nesse sentido, para Elias constrói “fenômenos reticulares” através das relações sociais no cotidiano, sobretudo, onde o sujeito estabelece relações com a sociedade e vice-versa. Logo, a rede conforma a totalidade das relações entre indivíduo e sociedade, entre as diferentes trajetórias que o indivíduo tece na imensa teia de contatos através da amizade, no trabalho, na rua, na festa, enfim, nos lugares e nos diferentes tempos das relações que são estabelecidas no dia-a-dia. Assim, sobre a rede e as relações sociedade e indivíduo o autor considera que:

Mas elas, por certo, nunca estão inteiramente completas e acabadas. Também podem mudar em seu contexto de relações, ainda que com alguma dificuldade e, em geral, apenas em seu autocontrole mais consciente. Mas o que aqui chamamos “rede”, para denotar a totalidade da relação entre indivíduo e sociedade, nunca poderá ser entendido enquanto a “sociedade” for imaginada, como tantas vezes acontece, essencial-

mente como uma sociedade de indivíduos que nunca foram crianças e que nunca morrem. Só se pode chegar a uma compreensão clara da relação entre indivíduo e sociedade quando nela se inclui o perpétuo crescimento dos indivíduos dentro da sociedade. A historicidade de cada indivíduo, o fenômeno do crescimento até a idade adulta, é a chave para a compreensão do que é a “sociedade”. A sociabilidade inerente aos seres humanos só se evidencia quando se tem presente o que significam as relações com outras pessoas para a criança pequena (ELIAS, 1994, p. 30).

Ademais, para Elias a historicidade do indivíduo é a chave para a compreensão da sociedade, pois, apreender a *trajetória* no tempo e no espaço do indivíduo, desde criança até a idade adulta permite visualizar e analisar aspectos da dinâmica social de uma sociedade e, portanto, dos seus indivíduos. A trajetória histórica e geográfica do indivíduo possibilita compreender as relações que foram desenvolvidas, os grupos em que esse indivíduo percorreu, as tramas e os dramas vividos, enfim, a complexa dinâmica social em que esse indivíduo esteve permeado e relacionado a sociedade dos indivíduos.

Assim, Elias possibilita compreender o indivíduo é como um produto reticular formado através de um conjunto estrutural de relações sociais, articuladas e sobrepostas e situadas no interior de diferentes grupos sociais, lugares, e pessoas que permitem vislumbrar a sociedade e suas tramas, pois, “Por mais certo que seja que toda pessoa é uma entidade completa em si mesmo, um indivíduo que se controla e que não poderá ser controlado ou regulado por mais ninguém

se ele próprio não o fizer, não menos certo é que toda a estrutura de seu autocontrole, consciente e inconsciente, constitui um *produto reticular formado numa interação contínua de relacionamentos com outras pessoas, e que a forma individual do adulto é uma forma específica de cada sociedade*” (ELIAS, 1994, p. 31).

O indivíduo se constrói numa interação contínua e em rede com diversas pessoas que, conformam tramas de relacionamento inter-independentes e que se situam nos diferentes contextos e escalas sócio-espaciais, como, por exemplo, na escola, na universidade, na igreja, na rua, na feira, no supermercado, na casa, no bar, na indústria, no comércio, enfim, no diferentes lugares em que a sociedade estabelece, cria e re-cria relações entre os indivíduos, ou melhor, que os indivíduos estabelecem relações em sociedade.

Neste contexto, o indivíduo em sociedade sempre “existe” na relação (histórica) com os outros, com os indivíduos outros que formam com “ele” a sociedade dos indivíduos; e, que ainda, traz a marca de uma sociedade específica que nos remete, a escala de análise como, por exemplo, o Estado-Nação, o município, o bairro dentre outros, pois:

(...) o indivíduo sempre existe, no nível mais fundamental, na relação com os outros, e essa relação tem uma estrutura particular que é específica de sua sociedade. Ele adquire sua marca individual a partir da história dessas relações, dessas dependências, e assim, num contexto mais amplo, da história de toda a rede humana em que cresce e vive. Essa história e essa rede humana estão presentes nele e são representadas por ele,

quer ele esteja de fato em relação com outras pessoas ou sozinho, quer trabalhe ativamente numa grande cidade ou seja um náufrago numa ilha a mil milhas de sua sociedade. *Também Robinson Crusóé traz a marca de uma sociedade específica, de uma nação e uma classe específicas*. Isolado em sua ilha de todas as relações que tinha com elas, ele se conduz, deseja e faz planos segundo os padrões delas, e assim exhibe comportamentos, desejos e projetos diferentes dos de Sexta-Feira, por mais que os dois se adaptem um ao outro em virtude de sua nova situação (ELIAS, 1994, p. 31, [grifos nossos]).

Assim, sobre a construção do lugar social (material e simbólico) e dos sujeitos Elias (1994, p. 31), considera que “O recém-nascido, a criança pequena – não menos que o ancião -, tem um lugar socialmente designado, moldado pela estrutura específica da rede humana em questão”. E, nesse sentido, a sociedade “constitui a expressão de uma singular conformação *histórica do indivíduo pela rede de relações, por uma forma de convívio dotada de uma estrutura muito específica*”. O que se comunica, informa e vincula através e por essa rede humana de relações é a “autoconsciência de pessoas que foram obrigadas a adotar um grau elevadíssimo de refreamento, controle afetivo, renúncia e transformação dos instintos”, e que “estão acostumadas a relegar grande número de funções, expressões instintivas e desejos e enclaves privativos de sigilo, afastados do olhar do ‘mundo externo’, ou até aos porões de seus psiquismos, ao semiconsciente ou inconsciente”. Ou seja, essas relações em rede permitem um “tipo de autoconsciência [que]

corresponde à estrutura psicológica estabelecida em certos estágios de um processo civilizador” (ELIAS, 1994, p. 32).

Para Elias, no “atual” estágio de desenvolvimento da civilização através da globalização, o “o avanço da divisão das funções e da civilização, em certos estágios, é crescentemente acompanhado pelo sentimento dos indivíduos de que, para manterem suas posições na rede humana, devem deixar fenecer sua verdadeira natureza”. A rede humana de funções sociais (como do trabalho e do estudo) e de relações que indivíduo estabelece (como nas amizades, grupos e classes sociais) tem criado uma pressão sob as pessoas que precisam cada vez mais de um maior auto-controle psíquico e social para que consiga se manter no interior da rede social que a institui e que a vincula ao “mundo” (econômico e simbólico) da qual faz parte ou pertence. Assim, “A pressão exercida no indivíduo pela rede humana, as restrições que sua estrutura lhe impõe e as tensões e cisões que tudo isso produz nele são tão grandes que um emaranhado de inclinações irrealizáveis e não resolvidas se acumula no indivíduo: essas inclinações raramente se revelam aos olhos de outrem, ou sequer à consciência do próprio indivíduo” (ELIAS, 1994, p. 33-34).

Neste contexto, o autor também menciona e chama atenção para o caráter móvel da rede humana e das alterações das relações, no tempo e no espaço, do indivíduo entre si e, portanto, com a sociedade:

Poderíamos indagar como e por que a estrutura da rede humana e a estrutura do indivíduo se modificam ao mesmo tempo de uma certa maneira, como na transição da sociedade guerreira para a sociedade

nobiliárquica, ou desta para a sociedade trabalhadora de classe média, quando os desejos dos indivíduos, sua estrutura instintiva e de pensamentos, e até o *tipo de individualidades*, também se modificam. Então se constata – ao se adotar um ponto de vista dinâmico mais amplo, em vez de uma concepção estática – que a visão de um muro intransponível entre um ser humano e todos os demais, entre os mundos interno e externo, evapora-se e é substituída pela visão de um entrelaçamento incessante e irreduzível de seres individuais, na qual tudo o que confere a sua substância animal a qualidade de seres humanos, principalmente seu autocontrole psíquico e seu caráter individual, assume a forma que lhe é específica dentro e através de relações com os outros (ELIAS, 1994, p. 34-35, [grifos do autor]).

Por isso, considera também que “nossos instrumentos de pensamento não são suficientes móveis para apreender adequadamente os fenômenos reticulares, nossas palavras ainda não são flexíveis o bastante para expressar com simplicidade esse simples estado de coisas”. E, considera que a rede humana resulta cada vez mais de tensões que indivíduo conforma a partir das individualidades e dos projetos de vida distintos ou que competem no interior de uma amálgama de interesses, que projetam o indivíduo na sociedade a partir de uma trama de relações sociais e, portanto, de poder. O poder que emana das tensões oriundas das *real*-ações dos indivíduos no conjunto da sociedade globalizada, do mercado e consumo. A maior subjetivação das emoções e individualização das ações provocam diferentes

tensões e de grau mais intenso, mesmo que diferentes e aparentemente veladas nas relações entre os indivíduos. A prática do autocontrole das relações e das emoções através da racionalização⁴ das ações, dos comportamentos pelas regras, pelo controle do tempo e do espaço, pela coerção do trabalho dentre outros, provoca diferentes tensões no atual estágio do processo civilizacional a partir das relações de disputa, de competição e de coerções (pela lei, pela moral, pela regra, pela disciplina e pela força ideológica e física) no conjunto das práticas cotidianas e do conjunto da sociedade dos indivíduos. Assim:

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem

⁴ Elias (1994, p. 71), considera que “A idéia tradicional de uma ‘razão’ ou ‘racionalidade’ de que todas as pessoas são dotadas por natureza como uma peculiaridade inata da espécie humana e que ilumina todo ao ambiente como um farol (a menos que haja uma disfunção) conforma-se muito pouco aos fatos observáveis. Por mais corriqueira que seja hoje em dia, essa idéia faz parte de uma imagem do homem em que as observações passíveis de comprovação misturam-se intensamente a fantasias oriundas de desejos e temores. A suposição de que o pensamento humano funciona automaticamente, de acordo com leis eternas, em todas as ocasiões e em todas as situações sociais, desde que esteja livre de distúrbios, é um amálgama de conhecimentos factuais e de um ideal desejante. Nela está contida uma exigência moral (com a qual não se tem necessidade de discutir), mascarada sob a forma de uma realidade”.

a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidos em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele (ELIAS, 1994, p. 35).

A mobilidade das relações sociais, tanto geográfica quanto sociológica, deve ser compreendida em rede; uma rede em contínuo movimento que forma uma trama que é, para o autor, a totalidade da rede. Mas, então, como modelo de reflexão sobre as redes humanas possibilita compreender “uma idéia um pouco mais clara da maneira como uma rede de muitas unidades origina uma ordem que não pode ser estudada nas unidades individuais”. A rede, portanto, compõem as relações inter-pessoais que apreendem um tecer ininterrupto de ligações que, formam a “totalidade” das conexões. Para Elias, “se imaginarmos a rede em constante movimento, como um tecer e destecer ininterrupto das ligações. É assim que efetivamente cresce o indivíduo, partindo de uma rede de pessoas que existiam antes dele para uma rede que ele ajuda a formar”. Logo, “a pessoa individual não é um começo e

suas relações com as outras não têm origens primeiras. Assim como, numa conversa contínua, as perguntas de um evocam as respostas do outro e vice-versa, e assim como determinada parte da conversa não provém apenas de um ou do outro, mas da relação entre dois, a partir da qual deve ser entendida, também cada gesto e cada ato do bebê não são produtos de seu ‘inteiro’ nem de seu ‘ambiente’, nem tampouco de uma interação entre um ‘dentro’ e um ‘fora’ originalmente distintos, mas constituem uma função e um precipitado de relações, só podendo se entendidos – como a imagem do fio numa trama – a partir da totalidade da rede”. E, nesse sentido, “a fala do outro desenvolve na criança em crescimento algo que lhe é inteiramente próprio, uma linguagem que é inteiramente *sua* e que, ao mesmo tempo, é um produto de suas relações com os outros, uma expressão da rede humana em que ela vive” (ELIAS, 1994, p. 35, [grifo do autor]).

Desse modo, para Elias “as idéias, convicções, afetos, necessidades e traços de caráter produzem-se no indivíduo mediante a interação com os outros”. Esse “indivíduo-relacional”, só se re-produz e se faz na relação e interação com outros e, como considera Elias, “como coisa que compõem seu ‘eu’ mais pessoal e nas quais se expressa, justamente por essa razão, a rede de relações de que ele emergiu e na qual penetra”. Logo, esse indivíduo, “essa ‘essência’ pessoal” de que fala Elias, forma-se e transforma-se “num entrelaçamento contínuo de necessidades, num desejo e realização constantes, numa alternância de dar e receber. É a ordem desse entrelaçamento incessante e sem começo que determina a natureza e a forma do ser humano individual”. Até mesmo, no limite, para Elias “a na-

tureza e a forma de sua solidão, até o que ele sente como sua ‘vida íntima’, traz a marca da história de seus relacionamentos – da estrutura da rede humana em que, como um de seus pontos nodais, ele se desenvolve e vive como indivíduo” (ELIAS, 1994, p. 36). Assim, desde as relações mais *objetivas* ou *funcionalistas* como, por exemplo, as *econômicas* vinculadas aos ramos de atividade no trabalho em que os indivíduos constroem interdependências de funções sociais uns com os outros até, as relações mais íntimas que são camufladas no interior da sociedade pelos indivíduos, na subjetivação das emoções, ou na reclusão no território do abrigo e do aconchego cotidiano como, por exemplo, na casa onde os indivíduos desenvolvem suas emoções e suas relações materiais nas relações com os outros e, portanto, com a sociedade, com a sociedade de indivíduos que produz determinadas relações que são marcadas e delimitadas sociais, histórica e geograficamente pelo poder.

O indivíduo, para Elias, é “uma estrutura formada por funções relacionais” como, por exemplo, através de vetores de relações humanas, sociais e culturais, políticas e econômicas. Assim, o “ser humano não é, como faz parecer uma certa forma histórica de autoconsciência humana, simplesmente um continente fechado, com vários compartimentos e órgãos, um ser que, para começo de conversa, em sua organização natural, nada tem a ver com outras coisa e seres, mas é organizado, por natureza, como parte de um mundo maior”. Para Norbert Elias, “em certo sentido”, o indivíduo é “um vetor que dirige continuamente valências dos mais diferentes tipos para outras pessoas e coisas, valências estas que se saturam temporariamente e sempre voltam a ficar insaturadas.

Por natureza, ele é feito de maneira a poder e necessitar estabelecer relações com outras pessoas e coisas”. E, ainda, para o autor, o “que distingue essa dependência natural de relações amistosas ou hostis, nos seres humanos, da dependência correspondente nos animais, o que efetivamente confere a essa auto-regulação humana em relação ao semelhante o caráter de uma auto-regulação *psicológica* – em contraste com os chamados instintos dos animais -, não é outra coisa senão sua maior flexibilidade, sua maior capacidade de se adaptar a tipos mutáveis de relacionamentos, sua maleabilidade e mobilidades especiais” (ELIAS, 1994, p. 37).

A capacidade, portanto, de acordo com o processo civilizador, de auto-controle e/ou auto-regulação produz o indivíduo historicamente. Essa capacidade de se auto-regular seria produtora (que é parte de uma construção social), também, de uma sociedade de indivíduos de um tempo e de um espaço. As condições de reprodução da sociedade dos indivíduos seriam dadas, desse modo, pelas condições de gerenciar e aprimorar o autocontrole das emoções; logo, as práticas racionais e/ou a racionalização das relações são as que passaram a dar o ritmo das relações em sociedade e, que conformam as diferentes sociedades e, por extensão, os diferentes indivíduos, pois, como considera o autor:

A sociedade não apenas produz o semelhante e o típico, mas também o individual. O grau variável de individualização entre os membros de grupos e camadas diferentes mostra isso com bastante clareza. Quanto mais diferenciada a estrutura a estrutura funcional de uma sociedade ou de uma classe dentro dela,

mas nitidamente divergem as configurações psíquicas de cada uma das pessoas que nela crescem. No entanto, por diferente que seja o grau dessa individuação, certamente não existe nenhum ponto zero de individuação entre as pessoas que vivem e crescem numa sociedade. Em maior ou menor grau, as pessoas de todas as sociedades que nos são conhecidas são individuais e diferentes umas das outras até o último detalhe de sua configuração e comportamento, e são específicas de cada sociedade, ou seja, são formadas e ligadas, na natureza de sua auto-regulação psíquica, por uma rede particular de funções, uma forma particular de vida comunitária, que também forma e liga todos os seus membros (ELIAS, 1994, p. 56).

Assim, para o autor “toda sociedade grande e complexa” tem, na verdade, duas qualidades: “é muito firme e muito elástica”. “Em seu interior constantemente se abre um espaço para as decisões individuais”. E, por isso, “apresentam-se oportunidades que podem ser aproveitadas ou perdidas. Aparecem encruzilhadas em que as pessoas têm de fazer escolhas, e de suas escolhas, conforme sua posição social, pode depender seu destino pessoa imediato, ou o de uma família inteira, ou ainda, em certa situações, de nações inteiras ou de grupos dentro delas”. Pode, portanto, “depender de suas escolhas que a resolução completa das tensões existentes ocorra na geração atual ou somente na seguinte” (ELIAS, 1994, p. 48).

Assim, considera que é pequeno o “poder individual” das pessoas sobre a linha mestra do movimento e da mudança históricos, pois, “a pessoa que atua dentro do fluxo talvez

tenha uma oportunidade melhor de ver quantas coisas podem depender de pessoas particulares em situações particulares, apesar da fixidez da direção geral” (ELIAS, 1994, p. 47 e 52).

Assim, a maneira como um indivíduo decide e age desenvolve-se nas relações com outras pessoas, numa modificação constante de sua natureza pela sociedade. Mas, para o autor, o que “assim se molda não é algo simplesmente passivo”, pois, o “que é moldado pela sociedade também molda, por sua vez: é a auto-regulação do indivíduo em relação aos outros que estabelece limites à auto-regulação destes”. Uma pessoa, nesse sentido, pode ter mais funções de matriz do que outra, mas é sempre também agente de modelamento da sociedade. Até o membro considerado “mais fraco” da sociedade ou de função social considerada “inferior”, tem sua parcela na cunhagem e na limitação dos outros membros, por menor que seja.

4. Considerações Finais

Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo humano só se humaniza ao aprender a agir, falar e sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou o indivíduo sem a sociedade é um absurdo. Mas, quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente, é constante aparecerem lacunas e falhas em nosso fluxo de pensamento, como num quebra-cabeça cujas peças se recusassem a compor uma imagem completa (ELIAS, 1994, p. 67).

Analisamos aqui, que a sociedade dos indivíduos para Norbert Elias constitui-

se como um dos elementos essenciais de uma estrutura organizacional, cujas atuações demonstram-se pelas diversas formas de inter-relacionamentos, interdependências e entrelaçamentos sociais e de auto-regulação que jamais poderão ocorrer individualmente.

A sociedade dos indivíduos para Elias é uma rede de relações sociais que produz “fenômenos reticulares” através das diferentes funções sociais que, na sua divisão, produzem indivíduos iguais e diferentes. Através da rede humana móvel de relações ocorrem diferentes formas de auto-regulação da sociedade que modelam indivíduo e sociedade, no tempo e no espaço. Assim, para Elias, o indivíduo em sociedade é uma “rede” que produz fenômenos reticulares situados no interior de relações de interdependências, de tensões, de autoregulação e de poder; logo, para o autor “esse *continuum* da sociedade humana é uma ‘máquina de motor perpétuo’. Sem dúvida, esse *continuum* constantemente extrai energia física do mundo a seu redor”. E, esse “*continuum* de seres humanos interdependentes tem um movimento próprio nesse cosmo mais poderoso, uma regularidade e um ritmo de mudança que, por sua vez, são mais fortes do que a vontade e os planos das pessoas individualmente consideradas” (1994, pp. 45-46).

O indivíduo é modelado através das relações que desenvolve com os outros, isto é, em sociedade desde, as relações funcionais e econômicas (como, por exemplo, vinculado aos ramos de atividade, no trabalho e de propriedade privada), até as relações políticas e culturais (através das relações de amizade, de parentesco, étnicas e identitárias). Assim, o indivíduo é uma “linha” do “rombo” relacional, ou seja, a sociedade que através

de entrelaçamento de relações de poder e de tensões, de amizade e de alteridade constrói a sociedade dos indivíduos.

Sobretudo, Elias ensina demonstrando e problematizando que a relação sociedade e indivíduo deve ser compreendida na sua multidimensionalidade das relações sociais, de auto-regulação das emoções e do desenvolvimento de estratégias racionais de auto-controle, onde todos os indivíduos são considerados participantes e modeladores, em diferentes graus ou natureza na sociedade. As redes sociais, os fenômenos reticulares, as tensões, o poder, as estruturas específicas e gerais da sociedade dos indivíduos produzem diferentes relações na imensa e complexa teia humana móvel de funções sociais e nas suas divisões dessas funções. E, portanto, para Elias (1994, p. 67), o que “caracteriza o lugar do indivíduo em sua sociedade é que a natureza e a extensão da margem de decisão que lhe é acessível dependem da estrutura e da constelação histórica da sociedade em que ele vive e age”.

5. Referências

- AZEVEDO, Adriana. *Serviço Social e marxismo: uma discussão da problemática do indivíduo*. In: *Revista Serviço Social e Sociedade*, n. 57, São Paulo, Cortez, 1998, pp.109-132.
- BECK, Ulrich. *Liberdade ou Capitalismo*. São Paulo: UNESP, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

ELIAS, Norbert. *Envolvimento e distanciamento*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

A busca da excitação. Lisboa: Difusão Editorial Ltda., 1985.

A Sociedade de Corte. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

Introdução a sociologia. Lisboa: Edições 70, 1969.

O processo civilizador: formação do estado e civilização. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

O processo civilizador: uma história dos costumes. 2 ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 1v.

Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo, Loyola, 1999.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 5 ed. São Paulo: Record, 1997.